

# EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA EM COMUNIDADE INDÍGENA: DIÁLOGOS E SABERES ANCESTRAIS, UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS EM TEMPO DE PANDEMIA, MANAUS- AMAZONAS

UNIVERSITY EXTENSION IN INDIGENOUS COMMUNITY: DIALOGUES AND ANCESTRAL KNOWLEDGE, AN ACCOUNT OF EXPERIENCES IN A TIME OF PANDEMIC, MANAUS-AMAZONAS

---

## Zilmara Rocha da Silva

Acadêmica do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).  
E-mail: zrds.geo19@uea.edu.br

## Vitor Cesar Cardoso da Silva

Acadêmica do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).  
E-mail: Vccds.geo19@uea.edu.br

## Rucian da Silva Vilácio

Acadêmico do Curso de Engenharia de Produção da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).  
E-mail: ruciands@gmail.com

## Joelma Monteiro de Carvalho

Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).  
E-mail: jcarvalho@uea.edu.br

## Danielle Marian Araújo dos Santos

Professora Doutora da Universidade do Estado do Amazonas UEA.  
E-mail: dmsantos@uea.edu.br

## RESUMO

Este relato apresenta experiência de uma prática extensionista vivenciada no período da pandemia, em uma comunidade indígena na região metropolitana de Manaus. Trata-se de um estudo de abordagem etnográfica, de cunho bibliográfico e participativa, em período de Covid-19, realizado nos meses de janeiro a maio de 2021. A inquietação nasceu de uma líder comunitária indígena da comunidade Sahu-Apé, aflita pela queda da arrecadação do turismo na comunidade, atingindo financeiramente toda a comunidade em decorrência da pandemia. Neste relato descrevemos que o papel da extensão universitária foi relevante, a partir de escuta sensível, para criação de estratégias, na garantia de novos saberes e fazeres em tempo de pandemia. O estudo contou com 10 participantes indígenas na faixa etária de 20 até 45 anos. Para realizar o levantamento dos dados usamos ambiente virtual, com uso de questionário via *Google forms*, *Whatsapp*, *Google meeting* e captura de imagens por meio do celular. Os resultados apontam que o setor do turismo foi o mais atingidos e como estratégias realizamos oficinas para inserção de atividades agrícolas e de elaboração coletiva de um folheto informativo, com dados da comunidade para prospectar as atividades culturais, por meio das redes sociais. Como função social, a atividade extensionista possibilitou contribuições para os professores, estudantes, extensionistas e para os comunitários, participantes do projeto.

**Palavras- chave:** Extensão Universitária. Amazonas. Comunidades indígenas. Pandemia.

## ABSTRACT

This report presents the experience of an extension practice experienced during the pandemic period, in an indigenous community in the metropolitan region of Manaus. It is a study of a qualitative approach, of bibliographic and participatory nature, with a netnographic and ethnographic strategy, in a period of Covid-19, held from January to May 2021. The concern was born of an indigenous community leader from the Sahu-Apé community, who is distressed by the drop in tourism revenue in the community, reaching the entire community financially as a result of the pandemic. In this report, we describe that the role of university extension was relevant, based on sensitive listening, for the creation of a strategy, in guaranteeing new knowledge and actions in a time of pandemic. The study included 10 indigenous participants in the 20- to 45-year-old age group. To carry out the survey of accessible data in a virtual environment, using a questionnaire via Google forms, Whatsapp, Google meeting and image capture using the cell phone. The results show that the tourism sector was the most affected and as strategies we held workshops for the insertion of agricultural activities and the collective elaboration of an information folheto, with data from the community to prospect cultural activities, through social networks. As a social function, the extension activity enabled contributions for teachers, students, extension workers and for those responsible, participating in the project.

**Keywords:** University Extension. Amazonas. Indigenous Communities. Pandemic.

---

## INTRODUÇÃO

Este relato tem como objetivo desvelar o espaço territorial da comunidade indígena Sahu-Apé, na região metropolitana de Manaus Amazonas – como local de atrativo turístico por meio da cultura do povo Sateré-Mawé. Bem como auxiliar os comunitários na elaboração de estratégias no período da pandemia. Assim, nasceu essa prática de extensão em 2021, por ocasião do fechamento de projeto de iniciação científica da Universidade do Estado do Amazonas.

No processo cultural e científico da extensão universitária permeiam no leito do rio Amazonas, comunidades indígenas que praticam atividades culturais e turísticas como geração de renda, por meio da produção dos saberes e fazeres ancestrais, com material da floresta como: bijuterias de sementes dos frutos amazônicos, remédios com ervas nativas e produção artísticas culturais, apreciação de rituais indígenas, como o ritual da tucandeira (CARVALHO, 2019). Todas essas atividades são desenvolvidas, constantemente, na comunidade Sahu-Apé, região metropolitana de Manaus-Amazonas.

Na perspectiva de uma universidade multicampi, no estado do Amazonas, que dialoga com a comunidade, nasceu o interesse de se

aproximar dos povos indígenas, sendo estes tão ameaçados, no contexto contemporâneo. Consideramos que a experiência do turismo étnico em comunidades indígenas é um meio de fortalecer, tanto o desenvolvimento econômico do local, quanto a educação, a cultura, como a valorização da tradição cultural indígena. (DOS SANTOS *et al.*, 2019)

Destacamos que as comunidades indígenas que vivem do turismo no estado do Amazonas, com a pandemia, no início do ano de 2020, foram afetadas diretamente por ocasião da covid-19, o qual até o atual momento o mundo traça uma batalha para contê-lo e combatê-lo. Nesse cenário, diagnosticamos que o turismo, objeto deste relato, foi uma das áreas mais afetadas, incluindo as atividades desenvolvidas pela comunidade Sahu-Apé.

Este estudo, nos permitiu compreender a necessidade da comunidade, efetivar a implementação do turismo étnico, com interface nas atividades agrícolas, por meio de conhecimentos da tradição cultural. Bem como descrever os impactos, relacionados à crise financeira entre os comunitários, possibilitando uma reflexão sobre a importância das políticas públicas voltadas para as comunidades indígenas, no período pandêmico e pós-Covid-19.

A Comunidade Sahu-Apé está ancorada nos

pilares da Educação e do Turismo étnico. Segundo Grūnewald (2003, p. 151), o turismo étnico “tende a funcionar na perspectiva em que o visitante irá vivenciar a rotina do comunitário, participando de suas atividades em que são praticadas no espaço objeto de visitaçāo e a visitaçāo a partir da percepçāo do visitante”.

Com a crise da pandemia, afetando o turismo, os indigenas sentiram a necessidade de voltar às atividades agrıcolas. Com o suporte da Universidade do Estado do Amazonas, foi possıvel planejar e buscar novas parcerias com o IDAM (Instituto de Desenvolvimento da Amazonia), a fim de prestar assessoria para a comunidade. Sendo assim, dentro das estratęrias de formaçāo e inclusāo na vida acadęmica social e profissional dos estudantes dos cursos de Geografia e Engenharia de Produçāo, foi possıvel elaborar material de marketing para aproximar o turista da comunidade, cumprindo o papel social, articulado com o ensino e a extensāo universitária (NOGUEIRA, 2005). Destarte, preparar os cidadãos indigenas para exercerem a cidadania e usufruir dos seus direitos constitucionais, por meio da inserçāo e inclusāo social a partir de açōes extensionistas.

## DESENVOLVIMENTO

### PELOS CAMINHOS DA EXTENSO UNIVERSITÁRIA

Segundo Arroyo e Rocha (2010) o papel da extensāo está relacionado às discussōes e reflexōes acerca da propagaçāo e difusāo do conhecimento com possibilidades de incluir grupos externos à universidade. O trabalho é orientado pelas propostas de pedagogia social com ênfase na educaçāo libertadora de Paulo Freire. O estudo trilhou pela dialogicidade entre comunidade e Universidade, de acordo com Freire (2014). O cenário pandmico causado por um vírus respiratório, o coronavírus (covid-19), foi necessário estabelecer novas rotinas para o projeto extensionista. Adotamos o uso do ambiente virtual, utilizando compu-

tador, smartphone e rede de internet *wi-fi* e móvel, com a finalidade de desenvolver este estudo.

O distanciamento social impossibilitou as pesquisas de campo, sendo substituída pela pesquisa participante, a qual é caracterizada pela relaçāo pesquisador e objeto, e a diferençā entre empírico e científico. “Esta última tende a ser vista como uma atividade que privilegia a manutençāo do sistema vigente e a primeira como o próprio conhecimento derivado do senso comum, que permitiu ao homem criar, trabalhar e interpretar” (GIL, 2002, p. 56). Além do que, na pesquisa participante o componente político possibilita discutir o processo de investigaçāo tendo por perspectiva a intervençāo na realidade social. (ROCHA, 2002)

Para o levantamento dos dados usamos os recursos digitais como aplicativos de comunicaçāo: *Google Meet, Whatsapp e Google Forms*. Por via das ferramentas Google Meeting e Forms, respeitando as normas estabelecidas pelos órgãos de Saúde, sem afetar os comunitários e os pesquisadores em funçāo da pandemia. Neste sentido, usamos estratęrias netnogrficas<sup>1</sup> e etnográficas. Como recurso da coleta dos dados aplicamos os instrumentos do formulário *Google Forms*, com perguntas diagnósticas, as quais possibilitaram o desenvolvimento das reflexōes pertinentes à problemática ora apresentada.

A partir de uma escuta sensível, com dez (10) comunitários, ao final construímos coletivamente, por meio de ferramenta digital Canva, um folheto informativo, contendo vocabulário, formas de saudaçōes e a localizaçāo da comunidade, em língua Mawé e Portuguesa. Nesse folheto informativo nomeado Guia CSA, foi inserido um *QR CODE* gerado pela plataforma Google Earth, sobre acesso e local em estudo. O estudo foi submetido ao comit de tica em pesquisa sob parecer de n 5.154.759.

## DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS: NO DESVELAR DA

<sup>1</sup> “Netnografia  uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicaçōes mediadas por computador como fonte de dados para chegar  compreensāo e  representaçāo etnográfica de um fenmeno cultural na Internet. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, blogs, redes sociais etc”. (KOZINETS, 2014, p. 01)

## COMUNIDADE

O projeto de extensão desvelou que o artesanato é uma fonte de renda, que fortalece a independência financeira e sendo uma modalidade onde pode ser exposto traços de uma cultura, essa situação é aplicada à realidade da Comunidade Sahu-Apé. (CARVALHO, 2020)

Por meio do google meet a professora indígena Kiã Sateré, nos relatou que “na comunidade, a subsistência dos comunitários ocorre em função da produção de adereços e bijuterias oriundos de material da floresta”. Esses artigos são majoritariamente elaborados com sementes, que são coloridas e preparadas para exposição e compra dos visitantes na comunidade. Para Santos (2010) a popularização de um artesanato de origem da Comunidade Sahu-Apé, ganhou popularidade com valor afetivo e financeiro a exemplo o anel de tucumã, popularizado desde o ano 2000, por jovens da cidade de Manaus.

Com a crise sanitária, diante do contexto pandêmico, foram aplicadas medidas de contenção à proliferação da Covid-19, mediante decretos governamentais, como restrição de circulação, isolamento social obrigatório, popularmente conhecido pelo termo em inglês lockdown, fechamento de atividades econômicas, educacionais e turísticas entre outras.

Nesse período foi necessária adaptação desses setores para que não houvesse total estagnação do desenvolvimento, tendo uma forte migração para universo digital, essa ferramenta foi o principal aliado na manutenção da economia e educação, escolas tiveram que utilizar as mídias digitais e novas metodologias para dar continuidade ao ano letivo e deter o impacto da paralisia na educação, o mesmo ocorreu com setor econômico (PALUDO, 2020). Essa nova realidade não diferenciou povos, crenças, etnias ou classe econômica, expôs antigas e novas mazelas brasileiras, e a Comunidade Sahu-Apé não foi uma exceção nesse cenário, tendo sua atividade de turismo étnico e educacional estagnada, acarretando profundos impactos. (CARVALHO, 2020)

Na interlocução, detectamos as principais difi-

culdades para disseminação do turismo e do ensino, no período da pandemia, foram a falta de recurso tecnológico, falta de acesso à internet, desconhecimento das ferramentas digitais adequadas e a falta de recursos financeiros para inserir créditos no celular. Na educação, podemos perceber, reflexo negativo, as absenças e desistências de estudantes, tanto da sede do município de Iranduba, quanto na comunidade Sahu-Apé. Assim, conforme dados da UNICEF (2021), nesse período, a desistência dos estudantes ficou por volta de 25% a 50%.

O turismo étnico realizado em comunidades em muitos casos acontece por intermédio de agências de turismo local. Logo, a participação acontece de maneira igualitária em relação aos lucros arrecadados nas visitas e na Comunidade Sahu-Apé nos anos anteriores, porém diante da redução dos recursos, há a necessidade de organização por parte da comunidade na prática do turismo (CARVALHO, 2020). Como aspecto negativo, diante das narrativas dos entrevistados, a queda na arrecadação gerada por falta de turistas e visitantes, afetou na venda do artesanato, nas apresentações artísticas e culturais.

Nesse sentido, a professora Kiã Silva relatou que, em função das paralisações das atividades turísticas na comunidade, tiveram que buscar alternativas para sobrevivência das famílias que residem na comunidade. O grupo realizou uma assembleia e decidiram realizar a prática da agricultura familiar.

Com o apoio de projeto extensionistas foi possível estabelecer diálogos com o IDAM- Instituto de Desenvolvimento da Amazônia, para orientações sobre horta comunitária, segundo o morador Sateré-Mawé, João Silva (2021) “[...] a terra se encontra com solo fértil, apropriada para agricultura”. Essa agricultura, da ecologia dos saberes indígenas, está voltada para plantação de tubérculos e frutas como melancia, feijão e outros alimentos, tendo parcerias com projetos sociais como Mesa Brasil, ancorado na segurança alimentar e financeira, com a venda desses alimentos, até o fim da pandemia. (SANTOS, 2004)

Os comunitários apostam que este novo ciclo ocorrerá até o retorno do setor turístico na re-

gião. Para Cardozo (2020), os benefícios atrelados às boas práticas de conservação e desenvolvimento sustentável gera a valorização da comunidade remanescente dessas localidades e desenvolve o sentimento de pertencimento do lugar aos comunitários, semelhante às atividades realizadas na comunidade.

A partir da tessitura dos conhecimentos acadêmicos com os conhecimentos tradicionais dos indígenas, tecemos diálogos sobre a real necessidade dos comunitários durante a pandemia. Sob o viés da “[...] indissociabilidade e de articulação entre os pares, dentro de um eixo transversal e de articulação entre a teoria e prática, promovemos a integração entre a universidade e a comunidade” (SÍVERES, 2013, p. 23), foi possível construir estratégias aliando variados saberes.

O cenário de investimentos turísticos e educacional, com a covid-19 mereceu outros olhares para atender os clientes. Neste viés, em atendimento a solicitação da liderança comunitária foi elaborado um folheto informativo fixo, intitulado Guia CSA, (Comunidade Sahu-Apé), com os dados sobre a comunidade, endereço e informações, com vocabulário de palavras nativas, bilíngue, além de uma forma de interação partindo da perspectiva de conhecer a cultura, a ser divulgado pelas redes sociais da comunidade e dos estudantes envolvidos no processo. Para a acadêmica do curso de Engenharia de Produção “realizar uma ação de extensão junto aos povos indígenas nos leva a compreender e respeitar a cultura e as tradições culturais, possibilitando aprendizagens, sobre conhecimentos tradicionais, oralizados os quais refletem o planejamento da comunidade” (Vanessa P. Damasceno, 2021). A assertiva da estudante nos possibilita reverberar, que a extensão promove novos saberes aos participantes, numa relação harmoniosa coletiva ou em grupo. (SÍVERES, 2013)

O guia consta com recurso de QR CODE, possibilitará ao visitante visualizar um mapa no Google Earth, em que constará cada ponto da comunidade, a exemplo o espaço da farmácia, da escola, do barracão de reunião dos rituais, dentre outros. Assim, a visitação facilitará o acesso dos turistas até o destino. É uma estratégia a ser usada na pandemia, a fim evitar

a proliferação da covid-19 e proporcionar a divulgação da cultura Sateré-Mawé, no contexto pandêmico.

O guia foi elaborado, objetivando prospectar as ações da comunidade indígena e a disseminação de conhecimento tradicional aos turistas. Por meio do ambiente virtual google meet e do whatsapp, os comunitários e estudantes extensionistas trocaram saberes e articulados com o ensino e com a demanda da sociedade (FORPROEX, 2012). A seguir figura 1 capa do guia - da Comunidade Sahu Apé (CSA).

Figura 1 - Capa Guia CSA e QR CODE



Fonte: Acervo dos pesquisadores (2021).

Perante a complexidade cultural, no processo da escuta sensível, o material construído possibilitará a prospecção das atividades turísticas, a expansão das atividades econômicas e o fortalecimento da tradição cultural (CARVALHO, 2020). Essas ferramentas permitirão expandir a cultura e a experiência, que a comunidade

pode proporcionar aos turistas da região metropolitana ou de demais localidades mundo afora, numa troca de saberes por meio da relação dialógica. (FORPROEX, 2012)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências interdisciplinares, acenadas neste relato, realizadas pelos estudantes durante a imersão na comunidade Sahu-Apé, foi possível perceber que, ela preza pela tradição cultural, tecendo interfaces com o turismo realizado no local. As atividades de valorização da cultura Sateré-Mawé são realizadas na escola da comunidade Sahu-Apé e integradas às atividades turísticas, aliando a educação formal e informal. Ao mesmo tempo que a escola cumpre o papel de ensinar, também se insere nas atividades e ações voltadas para atender os turistas.

O impacto do projeto beneficiou aos comunitários, por meio das atividades da agricultura e com o guia informativo. As atividades culturais, como apresentação do ritual, das narrativas históricas, lenda do guaraná, pinturas

corporais e os grafismos ganharam destaques no cenário turístico, com o desejo em fazer a imersão na cultura, conforme acenou Carvalho (2020). No entanto, o processo ainda está na fase inicial, merecendo acompanhamento e monitoramento das ações na comunidade.

Como limitações detectamos a falta de tecnologia e inovação, sendo uma ameaça que impacta os negócios educacionais e turísticos. Neste viés, sugerimos aos órgãos governamentais, que possam traçar novas estratégias de inclusão com investimentos em tecnologias, com ferramentas que possam desenvolver as atividades escolares, além de fomentar as atividades turísticas, a fim de fortalecer a cultura e a garantia de fontes de renda para os residentes na comunidade indígena Sahu-Apé.

Sendo assim, neste estudo, também foi possível perceber, que a interação dialógica entre a comunidade e os estudantes, possibilitou criar relações e troca de saberes, promovendo o relacionamento com a comunidade indígena, construindo a interpessoalidade. O compromisso social buscou estabelecer relações com outras instituições governamentais, frente ao contexto pandêmico, garantindo à saúde, à educação e à subsistência para a inclusão dos indígenas em políticas públicas do estado.

---

## REFERÊNCIAS

ARROYO, Daniela Munerato Piccolo; ROCHA, Maria Silvia Pinto De Moura Librandi Da. Meta-avaliação de uma extensão universitária: estudo de caso. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 15, n. 2, p. 131-157, 2010.

BREVES, Valéria da Rocha. **Identidade Sateré-Mawé no contexto urbano: língua, sentido, e fronteiras da diferença**. 2019. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

CARDOZO, Jasmine; LEITON, Carlos Merizalde. **Mesa redonda: Geoturismo e as comunidades**. YouTube. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UE1IVGKwgRU&list=PLvAu\\_cGwf16hReStgBk4Pkt1jLzMTWR1&index=6](https://www.youtube.com/watch?v=UE1IVGKwgRU&list=PLvAu_cGwf16hReStgBk4Pkt1jLzMTWR1&index=6). Acesso em: 19 ago. 2020.

CARVALHO, Joelma Monteiro de. **Ritual de passagem: das terras indígenas às áreas urbanas dos Sateré-Mawé / Joelma Monteiro de Carvalho**. – Manaus (AM): Editora UEA, 2019.

CARVALHO, Joelma Monteiro de. **Sateré-Mawé e Sámi: Culturas Indígenas Ancestrais Sob o Olhar do Turismo Étnico**. 2020. Tese (Doutorado em Turismo e Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2020.

FORPROEX. Fórum de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, AM, mai. 2012. Disponível em: <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-%20Nacional-de-Extensao.pdf> . Acesso em: 10 abril. 2021.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Editora Paz e Terra, 2014.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - Atlas, São Paulo, 2002.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Turismo e Etnicidade**. Horizontes e Antropológicos, Porto Alegre, n.20, p.141-159, out. 2003.

KOZINETS, Robert. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014. 203p.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de extensão universitária brasileira**. Editora UFMG, 2005.

PALUDO, Elias Festa. **Os desafios da docência em tempos de pandemia**. Em Tese, v. 17, n. 2, p. 44-53, 2020.

ROCHA, Eliza Emília Rezende Bernardo. A pesquisa participante e seus desdobramentos - experiências em organizações populares. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**, Belo Horizonte, set. 2004.

ROCHA, Karol. Luto na Educação: perda de educadores para a Covid-19 é danos irreparável aos amazonenses. **Acritica.com**. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/manaus/news/luto-na-educacao-perda-de-educadores-para-a-covid-19-e-dano-irreparavel-amazonenses>. Acesso em: 14 de abr. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Danielle Mariam Araujo; CARVALHO, Joelma Monteiro de; TRICÁRICO, Luciano Torres. Patrimônio imaterial e o turismo étnico em comunidade indígena, Iranduba, Amazonas. **Turismo e Sociedade**, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 16-35, set-dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/turismo/article/view/69779>. Acesso em: 16 de out. 2020.

SANTOS, Luciano Cardenes. **Sahu-apé e o turismo em terras e comunidades indígenas**. 2010. 257 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2010.

SÍVERES, Luiz. **O princípio da aprendizagem na extensão universitária**. A extensão universitária como um princípio de aprendizagem. Brasília: Liber Livro, p. 19-31, 2013.

UNICEF. **Enfrentamento da cultura do fracasso escolar**. UNICEF no Brasil. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/enfrentamento-da-cultura-do-fracasso-escolar>. Acesso em: 6 de abr. 2021.